



PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO  
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA-PARFOR

**MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS E SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA SALA DE LEITURA COMO “ESPAÇO” DE LETRAMENTO  
DE ALUNOS DOS ANOS INICIAIS.**

**ABAETETUBA- PARÁ**

**2019**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO  
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA-PARFOR

**MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS E SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA SALA DE LEITURA COMO “ESPAÇO” DE LETRAMENTO  
DE ALUNOS DOS ANOS INICIAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras do Programa PARFOR, da UFPA, como requisito avaliativo para obtenção do título de Graduado em Letras-Língua Portuguesa, Pela Universidade Federal do Pará, sob orientação da Professora Dra. Rosangela Nogueira.

**ABAETETUBA- PARÁ**

**2019**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO  
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA-PARFOR

**MARIA DO SOCORRO DOS SANTOS E SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA SALA DE LEITURA COMO “ESPAÇO” DE LETRAMENTO  
DE ALUNOS DOS ANOS INICIAIS.**

BANCA EXAMINADORA:

---

(Membro)

---

(Membro)

**ABAETETUBA– PARÁ**

**2019**

## DEDICATORIA

À Deus pelo dom da vida.

Aos meus pais, pela base que me deram.

À Siana, que foi uma das maiores torcedoras das minhas conquistas nesta vida.

Ao Tiago meu marido, por me apoiar sempre.

À Mayra, simplesmente pelo que representa.

## AGRADECIMENTOS

Ao senhor DEUS, antes de tudo, por cada partícula de oxigênio que permite adentrar nos meus pulmões e que me proporciona vida, saúde, família, alimento, trabalho, amigos etc...

A minha vizinha Siana, por ter sido uma colaboradora fundamental na minha formação.

Aos meus pais, pois me deram a base que tenho hoje.

Ao meu marido, por me apoiar no meu sonho.

Aos meus filhos, simplesmente por serem filhos.

Aos meus irmãos, pela admiração.

A minha amiga, Socorro Brito, pela amizade, parceria, cumplicidade e sintonia que temos nestes 20 anos de amizade.

Aos amigos do curso pelos perrengues que passamos juntos, especialmente Lene e Conce.

A todos, amigos ou não, que torcem pelas minhas vitórias e conquistas.

Também, àqueles que atribuíram críticas e desejos pela não realização deste projeto, confesso que me serviram de estímulo para ir ainda mais longe em busca de realizá-lo.

Muito obrigada!

## EPÍGRAFE

*Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias.*

Mário Vargas Llosa

## RESUMO

Este trabalho trata da importância da sala de leitura como espaço de letramento nos anos iniciais, objetivando compreender os processos de aquisição da leitura e construção de conhecimento, a partir das práticas de leitura e o desenvolvimento do indivíduo leitor, por meio do uso dos gêneros literários. O mesmo foi desenvolvido por pesquisa bibliográfica e de campo, através da vivência diária com os alunos enquanto professora de sala de leitura, na aplicação de atividades significativas neste processo de aprendizagem, permitindo a análise e reflexão sobre o real objetivo da sala de leitura na formação de indivíduo e buscando (re-)significar este espaço dando sentido ao verdadeiro ato de ensinar.

Palavras Chaves: Sala de leitura. Gênero literário. Construção de conhecimento. Formação do indivíduo.

## **ABSTRACT**

This work deals with the importance of the reading room as a space of literacy in the initial years, aiming to understand the processes of acquisition of reading and construction of knowledge, from the reading practices and the development of the reader, through the use of literary genres . The same was developed by bibliographic and field research, through the daily experience with the students as a reading room teacher, in the application of significant activities in this learning process, allowing the analysis and reflection on the real purpose of the reading room in the formation of individual and seeking to re-signify this space giving meaning to the true act of teaching.

Key words: Seading room. Literary genre. Construction of knowledge. Formation of the individual.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 A ESCOLA COMO ESPAÇO QUE PROMOVE HABILIDADES LEITORAS.....	13
2. O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES.....	15
2.1. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR.....	17
3. SALA DE LEITURA: COMPOSIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DESTE AMBIENTE DE APRENDIZAGEM .....	19
3.1. A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE E QUALIDADE DO ACERVO DE GÊNERO LITERÁRIO.....	20
3.2. O PNAIC E SUAS CONTRIBUIÇÕES NESTE PROCESSO DE LETRAMENTO.....	22
4. O RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	23
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade extremamente letrada, na qual a escrita permeia os mais variados objetos de veiculação e práticas sociais. Ela nos possibilita uma interação constante e é importante que se fazer bom uso dela. Por outro lado, exige uma necessidade de codificar, decodificar e interpretar, além de estabelecer significação a este código escrito. A essa ação denominamos aquisição da leitura, que se torna essencial ao indivíduo no contexto social no qual está inserido.

O que a sociedade letrada exige do indivíduo, de domínio das linguagens, para que o mesmo exerça sobre uma interação autônoma, no que diz respeito às habilidades de leitura e escrita?

Deparamo-nos com a linguagem na modalidade escrita em todos os momentos de nossas vidas, seja em jornais, revistas, placas, cartazes, etc. Ela está presente em todos os atos da vivência humana. Contudo, a frustração daqueles que não conseguem dialogar com este código escrito no seu dia-a-dia é, sem dúvida, bastante intensa e constrangedora, por não possuírem o domínio da habilidade da leitura.

Qual o papel da escola no processo de letramento?

É claro que para muitos, a escola representa a única oportunidade de aquisição da leitura. Apesar do contato dos alunos com o mundo letrado, vários são os fatores que levam à muitos a não dominarem a leitura. Geralmente estas razões estão ligadas às condições familiares e sociais onde estes indivíduos estão inseridos. O fator principal está na falta de incentivo que acaba por causar a dificuldade enfrentada pela maioria dos alunos dentro das escolas, no que concerne à aquisição e prática de leitura.

Daí a importância da escola neste processo transformador enquanto uma das instituições que também, tem o compromisso com a formação integral do cidadão, e que proporciona a sistematização do ensino das linguagens, propor as mais diversas condições para que essa formação realmente seja efetuada. Para que isso aconteça, é preciso que ela se organize e se planeje de forma a proporcionar o desenvolvimento de todas as habilidades que possam favorecer a formação de alunos leitores competentes para interagir na sociedade de forma autônoma em todos os aspectos e funções sociais.

Quanto à sala de leitura, de que forma pode contribuir para a construção das habilidades de letramento do aluno?

Este trabalho visa analisar, refletir, discutir sobre como o “espaço” de sala de leitura está implantado dentro das escolas e se o mesmo contribui de forma significativa às aprendizagens dos alunos, além de propor atividades possíveis de promover a competência do letramento às crianças dos anos iniciais, propondo ainda, possibilidades de realização dessas atividades, a partir de uma nova concepção de sala de leitura tendo em vista a forma como se percebe e se utiliza este espaço pedagógico dentro da maioria das escolas. Sendo que, muitas vezes, servem apenas de depósito de livros (geralmente o livro didático) sem usos e finalidades inadequadas.

Também será discutida aqui, a importância do professor enquanto mediador de aprendizagem, bem como a necessidade de formação deste, para a realização de um trabalho efetivo na formação do aluno leitor. Além disso, tratarei da importância dos gêneros neste processo, e sobre a necessidade de trabalhar a leitura dos alunos, de forma que eles construam sua própria autonomia, tanto no que concerne ao próprio processo de aquisição, interpretação e função social adequada da habilidade de leitura, quanto na construção adequada de textos, pertencentes aos diversos gêneros para que promovam ainda mais a liberdade de pensamento das análises feitas a partir da leitura. Dessa forma, o aluno pode sentir-se livre e seguro nesta construção de conhecimento e torna-se capaz de interagir positivamente no contexto social onde está inserido.

A partir de então, pode-se considerar um agente social capaz de fazer uso adequado da leitura e da escrita, atribuindo as devidas funções sociais da linguagem no seu processo de comunicação e interação com o mundo letrado em que vive. Sendo assim, afirmo que o conceito de letramento é bem mais amplo do que a definição sobre alfabetizar. “Letrar” é, contudo, o processo de leitura e escrita em que ambas façam sentido à vida do leitor, estabelecendo relação com o contexto no qual está inserido. Sobre este assunto, vemos em Soares que:

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que a alfabetização – entendida como aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como desenvolvimento de comportamento e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais [...] (SOARES, 2004, p.97)

Percebe-se, portanto, a necessidade de fortalecer o processo de letramento dentro do espaço escolar, de forma que o uso desta habilidade transforme significativamente a vida do aluno no social.

No que concerne à proposta do fortalecimento da sala de leitura para auxiliar no processo de letramento, dentro da escola, tendo em vista a realização das mais diversas atividades de leitura a serem propostas neste/por este “espaço” pedagógico, além do contato com os mais diversos gêneros lá inseridos, é que considero a importância deste trabalho para constituir suporte à formação cidadã dos alunos a partir do que compete o papel da escola. Segundo Cosson apud Botelho:

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (BOTELHO, 2011, p.65)

Tendo em vista este processo de letramento dentro das escolas, do uso destas habilidades no contexto social e da importância do “espaço” de sala de leitura no processo de ensino aprendizagem dos alunos, de forma que estes possam se formar cidadãos com leituras críticas e principalmente de uso e função social desta forma de interação com o mundo, é que destaco a importância do desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos bem como o estímulo de sua prática diária, como atividade permanente no espaço escolar. Ainda sobre a importância da leitura é importante ressaltar o que diz CAPUTI:

Neste sentido, o que a escola tem como responsabilidade inalienável é a de criar o envolvimento da criança com a leitura. O aprendizado de uma prática de leitura que não se esgote no meramente ler, mas fazê-lo compreendendo, interpretando e muitas vezes sintetizando o lido e o compreendido através da escrita. (CAPUTI, 2003, p.1).

Portando, é imprescindível o valor da leitura no processo de aprendizagem dos alunos e para isso se destaca a importância da sala de leitura bem como os processos de ensino aprendizagens lá existentes e adequados para a construção de conhecimento.

## 1.1 A ESCOLA COMO ESPAÇO QUE PROMOVE HABILIDADES LEITORAS

Tendo em vista a importância da leitura na evolução do indivíduo enquanto ser social e cultural, cabe aqui elencar o papel da escola neste processo de desenvolvimento das habilidades leitoras do aluno e de sua formação integral, pensando o mesmo enquanto ser que interage com o meio, praticando diariamente a linguagem através do contato com a escrita, mesmo que este não exerça nenhum domínio sobre ela.

Deve-se lembrar que, embora isso aconteça, é inevitável o seu contato com situações que lhes exijam o uso da linguagem em todas as modalidades no uso de sua comunicação. É válido lembrar que estas são habilidades essenciais para se viver na comunidade onde está inserido, de acordo com a BNCC (p.61) [“...”] as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais”. Isso quer dizer que, diariamente o indivíduo necessita fazer uso da linguagem, como instrumento fundamental de interação e, mais especificamente das habilidades e competências ligadas à leitura e escrita. E, ainda segundo a BNCC (p.61) [...] “por meio dessas práticas as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se sujeitos sociais”.

É aí que cabe a função social da escola. Ela, enquanto estabelecimento de ensino tem responsabilidades com a formação do aluno de forma sistemática, deve acima de tudo dar condições e espaços necessários e, preferencialmente, adequados ao trabalho de prática da leitura, além de propor estratégias favoráveis, no sentido de promover tal habilidade, a qual é muito importante para o desenvolvimento intelectual e social deste aluno.

Neste sentido, seja na própria sala de aula ou no “espaço” de sala de leitura, o potencial da criança deve ser explorado de forma a haver progressos significativos. A escola deve propor métodos que sejam estimuladores no sentido de favorecimento das habilidades da leitura e da escrita para/no seu uso social, caso contrário, a aprendizagem das crianças fica comprometida. Para Soares (2017):

Sem proposições metodológicas claras, estamos correndo o risco de ampliar o fracasso escolar, ou porque rejeitamos os tradicionais métodos em nome de uma nova concepção de aprendizagem da escrita e da leitura, sem orientar os professores na “tradução” dos resultados gerados pelas pesquisas em uma prática renovada na sala de aula, ou porque não saberemos resolver o conflito entre uma concepção construtiva de alfabetização e a ortodoxia da escola, ou, finalmente porque podemos incorrer no espontaneísmo, considerando, por falta de suficiente formação teórica, qualquer atividade como atividade intelectual, e qualquer conflito como conflito cognitivo. E não temos o direito de submeter, mais uma vez, as crianças brasileiras a tentativas fracassadas de lhes dar acesso ao mundo da escrita e da leitura. (SOARES, 2017, p.128)

Com isso, é possível perceber quão importante missão que esta instituição recebe e assume, para exercer na formação do aluno. Neste caso, percebe-se a escola não apenas enquanto espaço físico, mas há de se considerar sua composição por todos os profissionais ali presentes para o fazer pedagógico.

É necessário, nesse contexto, elaborar propostas de ensino que busque suprir a carência que estes alunos têm, de contato e práticas de leitura, assim como é preciso dispor de recursos adequados às atividades de leitura, tais como: acervo diversificado (gêneros literários e textuais) e recursos tecnológicos favoráveis. Bem como a organização do espaço e o planejamento apropriado para a execução das atividades de sala de leitura, e acima de tudo, um professor devidamente habilitado e com afinidades e formação necessárias para o desenvolvimento da prática neste espaço pedagógico.

O aluno precisa ser estimulado a compreender que a leitura é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo, social e cultural. Cabe à escola proporcionar essa importante significação da leitura no processo de maturidade humana, para não fracassar seu papel de promotora de ensino e formação cidadã, pois, conforme Lajolo (2004).

[...] se algumas metodologias e estratégias propostas para o desenvolvimento da leitura parecem enganosas por trilharem caminhos equivocados, o engano instaurou-se no começo do caminho, a partir do diagnóstico do declínio ou da inexistência do hábito de leitura entre os jovens. (2004, p.107)

Desta forma, destaca-se a grande relevância da escola em seu processo educativo no que diz respeito a aprendizagem das crianças, bem as contribuições dadas por cada um dos profissionais que estão engajados e comprometidos com a

formação leitora de cada aluno, que adentra neste espaço em busca de conhecimento.

Pode-se dizer ainda que tal importância se dá pelo fato de que para muitos a escola representa a única oportunidade de contato de aprendizagem com a leitura e a escrita.

## **2. O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES**

Assim como foi mencionado o papel da escola, não se pode deixar de discutir sobre a importante figura do professor neste processo de construção do conhecimento e aquisição da leitura e da escrita das crianças. Este profissional possui atribuições fundamentais na elaboração das estratégias, de forma que elas sejam significativas na/para a formação do aluno leitor. Tais estratégias devem ser constantes e efetivas na busca em formar bons leitores.

Para que isso aconteça, é importante que o professor prepare, por meio de planejamento prévio e adequado, suas aulas e que pense em atividades com foco no desenvolvimento da leitura.

Ele precisa se apropriar de metodologias e recursos que sejam atrativos, usar textos de leitura agradável, bem como propiciar variedades de dinâmicas para leitura dos mesmos. Além disso, é necessário que o professor leia e analise antecipadamente a leitura a ser feita para não cair na armadilha do imprevisto, caso ocorra uma situação inesperada e/ou indesejada, em função de não estar preparado.

É preciso então ser este professor um profissional leitor, pois ele precisa proporcionar à turma, a experiência e a prática de leitura, começando pelo exemplo, já que isto reflete no interesse dos alunos, pelo gosto e hábito de ler.

Tendo em vista ser o professor aquele que tem, por atribuição, mediar as aprendizagens dos alunos, cabe a ele também, a função de promover formas de o aluno ser capaz de interpretar, analisar, compreender, produzir e ativar o pensamento, de forma que a leitura não se torne apenas um instrumento de decodificação dos signos linguísticos. Mas que seja sobretudo, uma ferramenta de inserção do indivíduo num contexto social que permita o desenvolvimento integral

deste ser. Para Mendonça (2016,p. 27). “É preciso agir como mediador para que as crianças sintam o seu fazer valorizado, alimentando positivamente suas subjetividades, ao invés de minimizar sua capacidade determinando-as como não boas o suficiente naquilo que hoje fazem. ”

Nesse sentido, o professor torna-se responsável pelos alunos que irá formar enquanto indivíduos de interação com o social. O ensino da leitura, há algum tempo, já não deve mais tomar como base uma concepção de métodos sintáticos e analíticos, na qual se percebe uma maneira de trabalho que valoriza apenas a codificação e decodificação.

A afirmação aqui prestada não é uma acusação ao método. É claro que foi muito válido, apesar de tradicional, além de ter colaborado bastante com o processo educativo durante anos, mas hoje já não dá mais conta de atender as necessidades de aprendizagens. A sociedade exige que os cidadãos saibam se posicionar criticamente sobre os diversos contextos, obriga-os a refletir e analisar as diversas situações existentes no meio e, por isso, agora é necessário se pautar numa visão construtiva do ensino onde o professor deve acompanhar a reorganização da escola neste processo de formação do indivíduo.

Sendo assim, é importante discorrer brevemente sobre um conceito fundamental relacionado à leitura e isso trará uma melhor compreensão sobre o papel do professor nesta dinâmica de ensino. Trata-se do conceito de letramento, que resulta dos processos da ação de ensino da leitura e escrita e os seus usos sociais. Para Soares (2010, p, 18) “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que se adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita”.

Desta forma, professor é figura formadora fundamental deste processo e está diária e diretamente ligada ao aluno. Ele deve, a partir da sua experiência e exemplo, despertar a curiosidade e o interesse dos alunos neste aspecto.

A leitura é a ferramenta essencial para a aquisição dos demais conhecimentos do aluno e como consequência disso, o desenvolvimento integral do mesmo para viver em sociedade, em todos os seus aspectos, depende do professor que, enquanto responsável por promover esta evolução do indivíduo, deve fazer bom uso das atribuições que lhes são delegadas, bem como desempenhá-las com compromisso e responsabilidade.

## 2.1. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR

O processo de formação do professor, é um caminho contínuo e constante. É verdade que a partir do momento em que decide ter o magistério como o caminho profissional a percorrer, ele não pode mais deixar de ser um pesquisador e de buscar informações e formações necessárias que darão suporte à sua prática.

A legislação brasileira em vigor, LDB, a qual trata da regulamentação da Educação Básica no que se refere ao processo formativo do professor em seu art, 62, diz:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em Universidades e Institutos Superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (procedência. Art. 30 da lei nº 5692/71)

Sabe-se que esta formação básica não é suficientemente capaz de nos proporcionar todo o suporte necessário para dar conta das necessidades de aprendizagens dos nossos alunos. A mesma apresenta lacunas que precisam ser preenchidas com informação e formação diária sobre o que necessitamos em termo de superação das nossas deficiências na formação inicial que tivemos.

Desta forma, é grande a exigência para que o professor esteja em constante preparo, buscando mecanismos de melhoramento de sua prática, no sentido de proporcionar aos alunos um suporte para o desenvolvimento das suas habilidades. É preciso então, aprimorar-se cada dia mais em conhecimento, buscando alternativas de pesquisa sobre assuntos diretamente relacionados à nossa prática e ao fazer pedagógico.

A este processo é dado o nome de formação continuada. É quando o professor se inquieta e corre atrás de novos conhecimentos que possam enriquecer sua ação de ensinar. Assim, a própria LDB, em seu art. 63 em seu inciso III, garante que “programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis” (BRASIL, 1996)

Esse processo pode ser considerado a base para o desenvolvimento do trabalho do professor em sala de aula, pois permite a análise e a reflexão sobre sua prática para que busque sempre melhorias significativas à sua ação pedagógica.

Um aspecto relevante na formação continuada do professor é que ele nunca estará pronto e acabado, quanto mais busca formação, mais necessidade terá de atender aos anseios da turma.

Seguindo isto, vale citar aqui as ações do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), uma iniciativa que trouxe em sua bagagem de benefícios para o processo de letramento, de crianças dos anos iniciais, um programa de formação continuada para professores dos anos iniciais, e que possui o objetivo de fornecer aos professores alfabetizadores, as ferramentas necessárias para uma reflexão/ação sobre sua prática pedagógica.

Durante o processo de formação, o professor tem a oportunidade de ampliar as discussões e o conhecimento sobre como acontecem as aprendizagens das crianças com relação a aquisição da leitura e escrita e sua função social, já que o programa tem foco principal neste aspecto funcional da linguagem, que trata do letramento. Além disso, esta formação permite também que o professor se aproprie e desenvolva suas habilidades leitoras e assim facilita a dinâmica do seu trabalho.

Pensando no fato de que o professor pode contribuir significativamente com as aprendizagens dos alunos, estimulando-os para sejam leitores frequentes, é que aqui se discute a importância de que ele seja um praticante da leitura não somente no contexto de sala de aula, mas que seja uma prática diária e constante no cotidiano, já que a mesma se trata de uma prática social aplicada e necessária no dia a dia de todos.

A leitura é uma prática social construtiva que promove a interação do indivíduo com/sobre o social, na descoberta de outros saberes. É através dela que se tem as diversas possibilidades de construção do conhecimento, por isso o professor deve sempre estar apto a ser um bom leitor, aliás, ele tem o dever, designado pelas suas atribuições e pelo papel que exerce na educação, de se tornar um professor leitor e, conseqüentemente, um profissional leitor, para através disso, também formar alunos leitores.

### **3. SALA DE LEITURA: COMPOSIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DESTE AMBIENTE DE APRENDIZAGEM**

Desde 1997, com o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), as escolas passaram a receber acervos literários como forma de incentivar os alunos a praticar a leitura e um fortalecimento cultural, além da tentativa de promover o domínio das habilidades de leitura e de escrita.

Em 2013, o PNAIC, através de suas ações de alfabetização e letramento, também veio reforçar essa cultura, com mais distribuição de livros literários, para a composição dos cantinhos de leitura em sala de aula com disposição de variedades de gêneros e leituras diárias.

Por conta disso, a proposta seria que as escolas estivessem estruturadas e organizada de forma a atender tais demandas visando o desenvolvimento da linguagem e da aquisição de demais informações e conhecimentos. Porém, não foi o que se percebeu nas escolas com relação ao funcionamento de salas de leitura.

Nesta pesquisa, procurei encontrar uma sala de leitura com um espaço articulado e organizado diferente do que já tinha visto em muitas escolas pelas quais passei na realização do monitoramento enquanto formadora do PNAIC.

Neste processo, sempre que chegávamos nas escolas, encontravam-se as salas de leituras com armários abarrotados de livros didáticos, contrapondo a ideia do que se imagina ser a real finalidade de uma sala de leitura. Não estou aqui generalizando, mas na grande maioria das escolas, esta era a real condição em que os espaços de sala de leitura se encontravam.

Também não estou afirmando que os livros didáticos não têm importância na aprendizagem dos alunos, mas o que se discute aqui é a importância da sala de leitura neste processo, bem como a prática de leitura e produção textual a partir dos gêneros existentes em tal espaço, o que se torna diferente do objetivo do trabalho realizado com o uso dos manuais didáticos.

Ao iniciar a experiência percebi que não é tão simples assim manter uma sala de leitura estruturada e organizada, tanto quanto espaço físico como em estrutura pedagógica, de forma que o trabalho do professor tenha eficácia e que o desejo das crianças em participar desse ambiente com alegria e entusiasmo seja algo prioritário.

Pareceu-me que atividades de sala de leitura não possuíam o mesmo valor das disciplinas oficiais do currículo escolar. Talvez por isso, o espaço de sala de leitura não era considerado efetivamente como um espaço de letramento e de construção de conhecimentos diversos.

Imagina-se que a organização da sala de leitura possui um sistema de organização nos moldes que deve ter a sala de aula. A partir de uma decoração apropriada e que chame a atenção dos alunos, que o ambiente seja agradável para a realização das leituras e atividades referentes, que a mobília seja propícia ao uso das crianças, que principalmente, tenha uma disposição de variedades de leituras para os alunos. Vale ressaltar a importância de haver um olhar para manutenção e renovação do acervo.

Além disso, um planejamento adequado torna-se muito importante para o bom funcionamento. Penso que nesse sentido, o trabalho de sala de leitura não difere muito de como é na sala de aula, a partir das rotinas diárias e da articulação de como será o ensino aprendizagem em tal espaço pedagógico de forma a reforçar a prática da cultura leitora e permitir que as crianças tenham mais contatos com livros literários.

Com isso, percebo que o espaço aqui em questão não se trata de estrutural, de algo palpável, mas sim das possibilidades dadas ao aluno. Espaço, nesse sentido, significa oportunizar ao indivíduo, dentro de um ambiente alfabetizado, todas as oportunidades de crescimento, pessoal, social e cultural, no qual o aluno se sinta parte do processo.

### **3.1. A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE E QUALIDADE DO ACERVO DE GÊNERO LITERÁRIO**

Tendo em vista os gêneros como instrumento de cultura humano socialmente disponível em todos os espaços das esferas comunitárias onde o indivíduo está inserido, bem como a interação do homem sobre tais instrumentos, sabendo ainda, que a escola é a responsável formal pela formação leitora do aluno, para que exatamente ele enquanto cidadão seja capaz de fazer bom uso deste instrumento, de forma autônoma e dinâmica, construindo seu conhecimento e suas diversas formas de agir no social, é que aqui se discute sobre a necessidade de se

disponibilizar aos alunos, uma gama de recursos literários de qualidade, para que os mesmos façam bom uso.

A reflexão aqui ocorre em função da importância tanto da leitura, como também da produção textual no processo de letramento do aluno. Daí a preocupação com a necessidade do trabalho com os diferentes gêneros e com a sua diversidade, de forma que os alunos sejam induzidos à prática de leitura e de produção textual, atendendo as diferentes finalidades sociais dos gêneros.

Considerando os eixos da linguagem, no que se refere à leitura, segundo a BNCC:

Compreende as práticas de linguagens no decorrer da interação ativa do leitor/ouvinte/expectador com textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos a leitura para fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre termos sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.( p.69)

Com relação ao eixo da produção de texto, compreende a reflexão sobre os diversos aspectos que compõem o processo da produção de textos, bem como a sua estruturação e, assim como a leitura, não pode ocorrer de fora do contexto social. Ainda de acordo com a BNCC,

Não se deve conceber que as habilidades de produção sejam desenvolvidas de forma genérica e descontextualizadas, mas por meio de situações efetivas de produção de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana. (p.76)

Assim como a leitura e a produção de textos, a oralidade torna-se um eixo fundamental no processo de letramento dos alunos, já que ambos compõem o processo de linguagem humana e a produção de textos orais culmina o processo de leitura e escrita do indivíduo. Neste caso, a BNCC (p. 77) afirma que: “Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação”.

Dada esta importância da função social da leitura, escrita e oralidade no letramento das crianças, é necessário um trabalho mais efetivo de exercício das mesmas e isso somente é possível se for oportunizado aos alunos ter contato com

diversos tipos e gênero textuais e literários, para que, dessa forma, concretize-se o objetivo real da construção do conhecimento dos alunos, a partir do manuseio e utilização do acervo acessível na escola e nas salas de leitura. Pelo menos se espera que tenha disponível em quantidade e qualidade suficiente no uso de suas aprendizagens.

Portanto, considerando a leitura, a produção de textos e a oralidade como eixos fundamentais nas práticas de linguagem e norteadores para a construção do conhecimento e produção de letramento do indivíduo, para/na interação social, é que aqui se defende a extrema importância da diversidade de gêneros, para que as crianças tenham o contato direto e diário e assim, desenvolver as habilidades necessárias para sua vivência em sociedade.

### **3.2. O PNAIC E SUAS CONTRIBUIÇÕES NESTE PROCESSO DE LETRAMENTO**

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, enquanto política de formação e garantia dos direitos das aprendizagens de crianças do ciclo alfabetizador, tem contribuído significativamente para a efetivação deste processo, além de promover o processo de alfabetização dos alunos com foco no letramento.

Dentro da sua bagagem de propostas à educação, esse programa traz possibilidades de garantir o sucesso das aprendizagens, dando suporte e estabelecendo um conjunto de ações que vai desde a formação continuada dos professores para que atuem de forma dinâmica e eficaz no ensino das crianças, como também, na distribuição de recursos necessários para a execução de um bom trabalho e conquistas de resultados positivos na educação das crianças.

Recursos estes inicialmente financeiros, com garantia de bolsas de incentivo aos professores formadores e alfabetizadores, para que estes fizessem um investimento pessoal na sua formação, ampliando seus conhecimentos e suas habilidades para o trabalho com os alunos. Paralelo a isso, a distribuição de kits literários, com um acervo considerável e, diga-se de passagem, de boa qualidade, além de jogos educativos na área da linguagem, para o professor desenvolver um bom trabalho em sua sala de aula.

A distribuição dos kits de literatura visa o trabalho diário com a prática de leitura, de forma que o professor estimule os alunos a serem bons leitores. Dentro dessa dinâmica de formação/incentivo/distribuição de recurso, tem uma série de atribuições do professor, na busca desse resultado tão promissor que se espera. E, com isso, uma série de estratégias é pensada e elaborada no sentido de organizar o fazer pedagógico do professor para garantir a alfabetização e o letramento do aluno.

Esse processo formativo que se inicia no professor e resulta no aluno requer um planejamento que leve em consideração todas as dificuldades e necessidades do aluno, no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita para que o resultado seja promissor.

Tudo isso deve ser levado em consideração, já que, nesse ciclo, a criança é colocada em contato com a cultura escolar, visando o ensino da leitura e da escrita, passando, portanto, pelo processo de alfabetização e o letramento.

O carro chefe nesta proposta de formação leitora do aluno é a inserção do mesmo com domínio e interação do mesmo sobre essa sociedade letrada. Trata-se da elaboração e execução de sequências didáticas a partir dos gêneros e o cantinho de leitura, que se propõe como um recurso estratégico de contato diário com os livros dos mais diversos gêneros. Além disso, finalmente uma orientação fundamental na formação do aluno crítico/participativo/construtivo.

Trata-se de como deverá ocorrer o planejamento e estratégias das atividades de leitura. Quais dinâmicas e atividades serão realizadas, qual a regularidade das atividades com o uso dos gêneros, enfim, a partir dessa reflexão, organizar o trabalho com objetivo de alcançar bons resultados.

Finalmente, devo lembrar ainda que a proposta do programa inclui o trabalho e contato diário com as leituras dos gêneros propostos para criação de vínculo com a leitura, de forma que ela se torne um hábito diário na vida cotidiana do aluno.

#### **4. O RELATO DE EXPERIÊNCIA**

O presente relato trata das experiências vividas por mim, enquanto professora da sala de leitura na Escola Nossa Senhora das Graças (Pontilhão), no município de

Abaetetuba, onde atuei neste “espaço” pedagógico (sala de leitura), no decorrer do ano letivo de 2018, com atividades de práticas de leitura com foco no letramento.

Devo lembrar que tive outras experiências ligadas à prática de sala de leitura. Porém, irei me ater a essa vivência especificamente a rotina de trabalho com as 08 (oito) turmas dessa escola, que vai do maternal II ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Apesar disso, não posso negar que, de início, senti alguma dificuldade, o que acredito ser natural do ser humano na iniciação de alguma atribuição que lhe é confiada. Olha só a ironia: durante 05 (cinco) anos ministrei oficinas aos meus colegas professores, com foco nessa temática de sala de leitura e os processos de aprendizagens; participei de um grupo de formadoras, num programa de formação de professores. Mas, quando me vi diante da situação, não me pareceu suficiente o conhecimento que até então achava que tinha e, de alguma forma, senti um certo medo. Contudo, aceitei o desafio, pois já tinha em mente viver essa experiência para compartilhar aqui.

Irei descrever neste trabalho a minha rotina com as práticas aplicadas no desenvolvimento das atividades de leitura com as turmas com as quais trabalhei nesse período letivo, exemplificando, aqui ou ali, alguma experiência e/ou produção que considere mais significativa. Cito que houve muitos resultados obtidos com êxito, porém não posso negar que tiveram atividades que por alguma razão não foram tão exitosas assim. Lembro ainda que cada experimento meu neste processo, e que aqui registro, esteve marcado, muitas vezes, pela sensação de fracasso ou de impotência, no fazer pedagógico; vários foram os motivos que me causara falta de estímulo. Com relação a isso, considero a seguinte afirmação de Mendonça (2016).

Nosso fazer diário traz angústia quando perde o sentido, quando deixa de se articular com as possibilidades relacionadas ao nosso projeto pessoal, mesmo que o tenhamos planejado propriamente, mas simplesmente por perceber as coisas se dando em meio ao nosso desagrado. (2016, P. 19)

Apesar das situações que hora ou outra, desfavorecia o trabalho com as turmas, afirmo que, no geral, o saldo foi positivo, pois houve interação e aprendizagem. É claro que tivemos todas nossas limitações, mas nada que não tenha sido superado neste processo de crescimento individual e coletivo.

O trabalho foi desenvolvido da seguinte forma: uma vez por semana ficava com cada uma das turmas durante 02 (duas) horas, isso quer dizer que acompanhei duas turmas por dia (manhã ou tarde), sendo uma antes do intervalo e outra depois.

Para as turmas de educação infantil, as atividades foram desenvolvidas, pensadas com um foco maior na ludicidade, pois, nessa fase, o brincar é bastante importante para as crianças e isso precisa ser considerado no momento de planejar as atividades. Não que, nas turmas dos maiores, eu não tenha pensado em atividades que fossem também criativas e lúdicas, mas, aqui busquei uma pitadinha a mais de ludicidade. Além disso, em duas das turmas da educação infantil, tínhamos alunos com deficiência, ambos com DI e tetraplegia, o que exigia a organização de um trabalho que envolvesse todos os alunos, para que ninguém deixasse de participar.

É sabido que a necessidade de planejamento e organização de um trabalho que venha facilitar o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos estudantes, torna-se bastante necessária para que se alcance o objetivo central da escola, que é permitir que os alunos aprendam e se apropriem daquilo que julgamos necessários ser habilidades básicas adquiridas naquele momento. É por isso que o planejamento deve ser sequencial e contínuo, contribuindo com as aprendizagens dos alunos, de modo que avancem e ampliem seus conhecimentos.

Pois bem, a prática realizada aqui envolveu a leitura deleite, cineminha, contação de história, cantiga de rodas, etc. Toda atividade que envolvia leitura ou qualquer forma de trabalho com os gêneros, teve sua culminância como uma produção (escrita ou oral), oportunizando a todos a participar das rodas de conversas e das produções escritas. No campo da oralidade, a grande maioria tinha a facilidade de fazer as devidas interpretações e reconto dos gêneros que eram trabalhados com eles. Com relação às produções escritas, elas, no caso dessas turmas, foram sempre apresentadas por meio de ilustrações, desenhos e pinturas. Considerei todas as produções importantes, pois as mesmas fazem parte do processo de leitura e letramento, que a escola deve garantir aos alunos.

Confesso que aqui senti um pouco mais de dificuldades em realizar um bom trabalho, mais especificamente na turma do maternal II. Isso em função do número de aluno e da necessidade de atenção que eles precisavam, por serem os menores

e ainda muito dependentes. A turma tinha 27 alunos, número considerado grande e fora da garantia para a qualidade de ensino, estabelecida por lei. Isso exigiu um esforço maior de mim, para que o trabalho fosse realizado da melhor maneira possível, dentro das minhas possibilidades e tentativa de fazer o melhor para aquele momento. As atividades com essa turma, eram sempre mais exaustivas e trabalhosas, porém, apesar disso, também pude colher resultados positivos.

Nas turmas dos anos iniciais, realizei uma série de atividades pensadas no desenvolvimento da leitura e da escrita, de forma que tais atividades viessem atender às necessidades de contemplar os conhecimentos do planejamento dos professores titulares das turmas e que, acima de tudo, viesse desenvolver aquilo proposto pelo projeto da pesquisa, que se trata da função específica da sala de leitura em promover o letramento dos alunos.

Busquei trabalhar os gêneros de acordo com temáticas. O foco foi maior nas atividades que envolviam a leitura propriamente dita, por conta da necessidade exigida pelo sistema no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais, bem como pelo desejo de elencar atividades de leitura que pudessem contribuir para a efetivação desse processo, pois, quanto mais esforço e estímulo, mais rápido e concreto é o resultado de um trabalho que se propõe com objetivo promissor. Como afirma Mendonça (2016),

A proposta de familiarização do letramento inegavelmente permeia o cotidiano, então, dado esse passo, não há como frear o desenvolvimento, pois ele é evolutivo. Quanto mais estímulos de qualquer vértice, mais velozmente se darão todos os processos cognitivos. (2016, p. 28)

É claro que busquei trabalhar de forma a alcançar um objetivo sistêmico, a partir da proposição de uma dinâmica que atendesse a necessidade exigida na efetivação do processo de alfabetização e letramento de crianças dos anos iniciais.

Nas turmas do ciclo alfabetizador (1º, 2º e 3º ano), realizei atividades de leitura semelhantes, o diferencial aí esteve na complexidade das atividades, que apliquei de acordo com o ano e o nível da turma.

As atividades propostas foram pensadas e aplicadas nessas turmas, permitindo o contato direto com os gêneros literários diversos disponibilizados na

escola pelo PNAIC, como um dos instrumentos fundamentais na formação leitora dos alunos. Geralmente depois da acolhida na sala, iniciava com uma leitura “deleite” previamente analisada para que pudesse puxar uma discussão com a turma sobre a leitura e sobre possíveis assuntos do contexto social embutidos no texto.

Antes mesmo da leitura, costumava organizar estratégias para a leitura, considerando as seguintes questões:

Quem irá ler o texto? (Geralmente nestas turmas eu lia para eles). Como será a leitura? Que gênero será lido? (Organizava de acordo com o assunto ou tema que iria discutir com eles). Como serão exploradas as características do gênero? Qual a finalidade da leitura? Quais atividades de exploração e compreensão de textos serão aplicadas? Enfim, a partir daí o trabalho era iniciado.

No primeiro momento, realizávamos um estudo da capa, explorando todos os elementos, desde o autor e ilustrador (ênfase na função de cada um na produção do texto), a editora, discutíamos sobre o título e, de início, como tarefa para eles, já deixava questionamentos para uma posterior comprovação da indução feita pela turma sobre o texto que seria lido. Tais questionamentos apresentaram a seguinte estrutura:

- Observando a capa do livro, do que você imagina se tratar a história?
- Que imagens você consegue observar na capa do livro? Elas fazem parte do seu dia a dia?

Além desses, outros questionamentos prévios sobre as leituras eram feitos aos alunos e anotados junto as suas respostas para, como citado anteriormente, possíveis comprovações das ideias antecipadas do texto. Depois da leitura, partíamos para a reflexão e discussão do mesmo, a partir de novos questionamentos, que buscassem respostas daqueles anteriormente aplicados à turma.

- Do que tratou o texto?
- Quem conseguiu acertar sobre os acontecimentos da história, por meio do que viu na capa?

- Se você fosse o autor dessa história, ela teria esse mesmo final? Como seria?

Dadas essas informações, iniciava o trabalho com a leitura e buscava contemplar todos, questionando, exemplificando. Enfim, proporcionando várias estratégias de entendimento do texto aos alunos. Depois disso, iniciava atividades que, geralmente, nessas turmas, as produções ocorriam por meio dos relatos orais, contudo, solicitava também uma produção escrita, que, na maioria das vezes, davam-se por meio de desenhos, outras por desenhos e textos e, em alguns casos, apenas produção escrita.

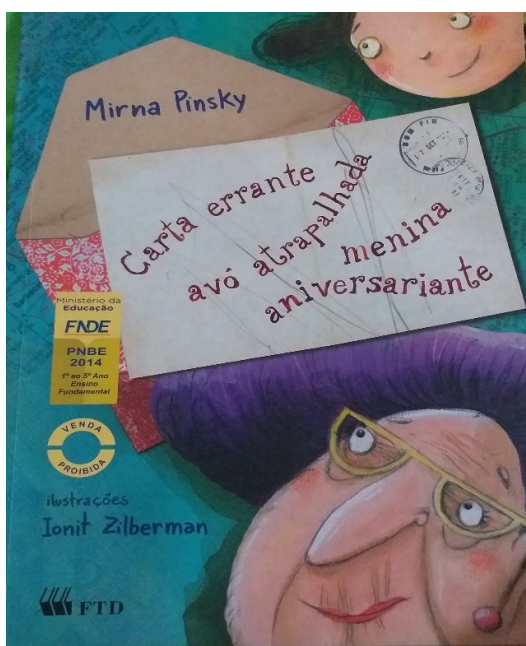
Nas turmas do 4º e 5º anos, na maioria das vezes, fiz o caminho inverso, geralmente apresentava a capa do livro, fazia o mesmo estudo dos elementos assim como nas turmas dos menores, costumava também fazer os mesmos questionamentos.

Porém, ao contrário de como sempre fiz nas outras turmas, nessas, propus uma dinâmica diferente. Solicitava, antes, que os alunos produzissem (criassem) histórias a partir das temáticas ou leituras antecipadas a eles, posteriormente, pedia que os mesmos socializassem suas produções com os demais (o que nos apresentavam uma diversidade incrível de produções). Depois disso, costumava ler o gênero que apresentara anteriormente e que servia de base para as produções, para fazermos uma análise comparativa entre o texto do aluno e o texto do autor.

Uma atividade bastante relevante aqui foi a de produção do gênero carta. Iniciei essa atividade perguntando para eles se os mesmos tinham parentes, familiares mais próximos ou amigos distantes e de quem sentiam saudades. A maioria deu resposta afirmativa. Depois perguntei como eles faziam para se comunicar e, é claro, que todos disseram que esse processo comunicativo se dava por meio de ligação telefônica. Perguntei ainda se os mesmos já haviam escrito alguma carta a alguém e a resposta também foi uma negativa unânime, então expliquei a eles que há muito tempo, quando não tínhamos o telefone e outras formas de contatar pessoas distantes, essa era a única forma de nos comunicar, através da carta.

Dito isso, expliquei sobre a estrutura de uma carta que deve ser composta por: local e data, nome do destinatário e saudação (pessoa que vai receber a carta), o texto (sobre todo o assunto que vai ser tratado), despedida e assinatura. Solicitei que eles imaginassem um parente ou amigo distante e escrevessem uma carta para eles.

Depois disso, fiz a leitura do livro “carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante”. Discutimos sobre a leitura, elencando todos os elementos desta,



A leitura do livro “Carta errante, de uma avó atrapalhada, menina aniversariante”, trata da história de uma avó viajada, que falava várias línguas e resolveu escrever para sua neta. Na carta, ela acabava misturando os idiomas neste processo de comunicação com a neta. Porém, uma reflexão a que nos leva esta história é o longo percurso que uma carta faz até chegar a seu destinatário, quais pessoas estão envolvidas neste processo, e que missão importante estas têm, em levar notícias de pessoas queridas a seus familiares. Nessa história, ainda, o carteiro tinha a missão de entregar a carta no endereço da neta, porém, a avó havia escrito o endereço em outra língua, que o emissário não dominava, e agora, como resolver este problema?

como: a organização do pensamento, no ato de escrever, e os caminhos percorridos por uma carta (correspondência) até chegar a seu destinatário.

Em seguida, assistimos ao filme “Central do Brasil” e também discutimos sobre o filme, destacando não somente os elementos que compõem uma carta, mas as questões sociais inseridas neste contexto, como o analfabetismo, sobre pessoas que se destinam ao incerto em busca de condição de vida melhor, a distância dos familiares, dentre outras questões.

Finalmente foi feita a socialização das produções escritas pelos alunos, onde muitos perceberam que os textos que haviam produzidos não eram exatamente uma carta e, assim, sentiram a necessidade de refazerem os textos.

Considerarei bastante produtivo esse trabalho, pois nos permitiu pensar juntos sobre o poder de uma atividade aparentemente tão simples, vimos o quanto foi

possível refletir sobre questões diversas que são importantes, mas que muitas vezes não percebemos isto.

Foi possível observar neste processo, o desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita simultaneamente, além da prática da análise e reflexão do aluno sobre o que lê e o que escreve, estabelecendo relação com sua vida cotidiana e estimulando a prática do letramento.

Devo lembrar que esse processo não foi fácil, existiram, como existem em qualquer âmbito do espaço escolar, fatores que dificultam o trabalho do professor, seja este, o titular da turma ou o professor da sala de leitura. Como é o caso aqui exposto.

Um dos entraves que encontrei neste trabalho com o desenvolvimento das habilidades da leitura foi o fato de que a escola não tem um espaço físico próprio estruturado em funcionamento para aplicação e execução de atividades voltadas às aulas de leitura.

Trabalhei com os alunos na própria sala de aula, de forma itinerante, levava as atividades que, teoricamente, seriam trabalhadas no espaço de sala de leitura para a sala de aula. Procurei utilizar todos os recursos disponíveis na escola e, em algumas situações, materiais de uso pessoal para executar meu trabalho.

A escola dispunha de alguns recursos como: Datashow, dvd, televisão, caixa de som, gêneros literários diversos etc; destaco aqui o esforço da direção na colaboração com o meu trabalho, que não mediu esforço e nem poupou apoio neste processo.

Para este trabalho, busquei sempre me apropriar do máximo de criatividade que pude, no sentido de promover e desenvolver as habilidades e competências adequadas aos alunos para que estes se tornassem bom leitores, não de livros, mas das diversas situações e contextos global.

Sempre dispus de bastante literatura e as utilizei das mais variadas formas sempre com o objetivo de desenvolver o hábito da leitura e suas competências e capacitá-los para o mundo, afinal, como afirma Mendonça (2016, p. 27). “[...] não

basta dar-lhe o livrinho de presente, mas é preciso estar junto, fazer uso cotidianamente do livro para que este e o tornar-se leitor ganhem valor”.

Outro evento que, aliás, considerei ainda mais importante, foi a “Mostra Literária”, um evento de leitura e produção que culminou envolvendo todos os alunos da escola. Foi escolhido, por toda a equipe pedagógica, um autor para se trabalhar as produções dele com todas as turmas, sendo que cada turma apresentaria uma produção deste. Neste caso, o autor definido foi Monteiro Lobato.

Na atividade em questão, apesar de ser um trabalho ligado à sala de leitura, envolveu principalmente os professores de sala de aula, na organização das produções, por se tratar de um evento de estrutura macro naquele contexto escolar. Assim sendo, cada turma ficou por trabalhar uma fábula e apresentar para a comunidade escolar, o resultado do seu trabalho.

Eu, enquanto professora da sala de leitura, fiquei responsável por apresentar o histórico do autor (vida e obra), por meio de uma árvore, na qual, desde o caule, foram apresentadas informações sobre sua vida, onde, no caule, encontrávamos as informações sobre a base da vida e da formação do autor (como família, formação, dificuldades enfrentadas etc.), na copa desta árvore, encontravam-se vários frutos, cada fruto estava representando uma obra produzida pelo autor, em cada fruto tinha o nome da obra e o e o ano de sua produção. Dentre estes frutos, um apresentava-se sem nenhuma informação referente à obra, apresentava apenas uma data específica que, para nós, representou o ano do falecimento do autor, quando ele parou de nos honrar com suas produções literárias.

Cada uma das turmas anteriormente citadas apresentou com riqueza de detalhes os textos que lhes foram delegados a responsabilidade de socialização. Esta foi uma atividade incrível que contribuiu muito para o desenvolvimento dos alunos no sentido amplo da palavra. Foi trabalhoso, mas nos permitiu sentir que vale a pena o empenho quando se quer oportunizar condições de desenvolver a capacidade dos indivíduos. Todos os funcionários neste evento estavam caracterizados de personagens do Sítio do pica pau amarelo, destacando a principal obra do escritor. Nos anexos deste texto, encontram-se os registros deste evento.

Portanto, reafirmo aqui a busca em propor possibilidades de desenvolvimento das habilidades leituras dos alunos, fornecendo uma base adequada para sua formação integral, enquanto cidadão crítico e participativo no seio da sociedade onde está inserido. Considero importante o trabalho e possível de ser realizado. Não disse fácil, afinal é um processo muito complexo e trabalhoso, mas possível, por isso me empenhei ao máximo na obtenção de resultados positivos, e os tive, apesar de todas as dificuldades enfrentadas na realização deste trabalho.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando cada momento vivenciado intrinsecamente desde o pensar a importância da sala de leitura no processo de letramento de crianças dos anos iniciais, pude observar que não é uma ação tão simples, assim como não é tão fácil lidar com o processo educativo como um todo, tendo em vista o atual cenário do sistema de ensino que nos é ofertado.

Contudo, considero possível de se proporcionar e permitir o desenvolver das habilidades leitora desses alunos. Se considerarmos o aproveitamento e bom uso de alguns recursos disponíveis, tanto os tecnológicos, como os literários e se agregarmos a nossa capacidade criativa, é possível sim realizar um trabalho de qualidade.

Passei a dar um outro sentido à sala de leitura. A partir da minha vivência, passei a perceber este espaço não somente pelos seus aspectos físicos e sua composição de recursos (mobiliários) e livros, estes, que na maioria das vezes, correspondem aos manuais didáticos, que, por sua vez, tem outra finalidade neste processo de formação do aluno leitor com foco no letramento.

Realizei a itinerância neste processo. Aquié como se a sala de leitura fosse levada para dentro da sala de aula, isso ocorre por conta da falta do espaço de sala de leitura. Considero a experiência bastante positiva. É, claro que enfrentei alguns percalços no caminho, mas, o resultado foi bastante exitoso. Honestamente não sei se a falta do espaço físico fez tanta falta assim.

Comecei a visualizar a sala de leitura não mais apenas como um espaço físico no interior da escola que, na sua maioria, acaba sendo utilizada como depósitos de livros e um criadouro de ácaros. Compreendo hoje a sala de leitura como um universo de possibilidades de se transformar informações em conhecimentos e esse espaço não necessariamente precisa ter a estrutura arquitetônica que se idealiza.

Digo isso porque não me limitei ao fato de não ter o espaço próprio disponível, considerado adequado para a realização das atividades, pelo contrário, me apropriei desta situação para criar possibilidades diversas para o desenvolvimento da leitura e do letramento, de forma a permitir o aluno saber fazer bom uso das suas habilidades.

Dessa forma, pode-se afirmar que os objetivos deste trabalho foram alcançados pois percebeu-se a importância que a sala de leitura possui no processo de letramento não apenas para a alfabetização, mas também para a formação de cidadãos com capacidade de senso crítico e de transformação no mundo. Além disso, pôde-se perceber a relevância do professor leitor na construção do aluno leitor, pois é a partir dele que tal aluno irá entender o caminho que a leitura sugere e que vai além das dificuldades físicas e subjetivas encontradas pelos pares professor/aluno.

## REFERÊNCIAS

BOTELHO, Laura Silveira. “Cosson Rildo. Letramento Literário: Teoria e Prática” **In Instrumento.R.Est. e Pesq.** Juiz de Fora,v.13 n.1 jan/fev.2011.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação.**Base Nacional Comum Curricular. BNCC:** Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 2 de 22 de dezembro de 2017.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e bases da Educação** : Lei nº 9,394/96. (com alterações induzidas pela lei nº9.475/97, 10.287/10, 10.639/03, 10.709/03,10.793/03, 11.114/05 e 11.274/06)

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** A Organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento: ano 2, unidade 02/ Ministério da Educação. Secretaria de Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC. SEB. 2012

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** e O trabalho com os gêneros textuais na sala de aula: ano 2,unidade 05/ Ministério da Educação. Secretaria de Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC. SEB. 2012

CAPUTI, Suely de Souza. “A importância da sala de leitura no cotidiano escolar” **In IColóquio Internacional de Políticas e Práticas curriculares**”, Joao Pessoa,2003,p 1.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. Ed. São Paulo, 2004.

MENDONÇA, Patrícia Lima de. **Bastidores de escola: relatos e reflexões de uma professora/ Patrícia Lima de Mendonça – Curitiba:CRV, 2016.**

PINSKY, Mirna. **Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante/Mirna Pinsky: ilustrações de Ionit Zilberman. - 2 ed.-São Paulo: FTD, 2015**

SOARES, Magda. “Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminho”. **In Conteúdo e Didática de Alfabetização**. UNESP.2004. p. 96-100.

SOARES, Magda.**Letramento: um tema de três gêneros/ Magda Soares – 4 Ed. Belo Horizonte: autentica editora, 2010**

<http://www.educabrasil.com.br/pnbe-programa-nacional-biblioteca-da-escola/>acesso> em 20 de fev.2019.

## ANEXOS

Registros da II Mostra Literária da escola. 2018



